

“COMUNICAR É POLITIZAR¹”: A Revista *Eparrei* e a participação feminina na luta contra o racismo no Brasil

Luana Diana dos Santos*

Resumo

Partindo de uma perspectiva histórica, o presente artigo objetiva dar visibilidade ao trabalho empreendido pelas mulheres da Casa de Cultura da Mulher Negra de Santos, que através da Revista *Eparrei*, contribuem de forma significativa para a construção de uma sociedade mais justa e equânime no que diz respeito às relações raciais. Ao analisarmos as páginas da publicação, percebemos a importância da mesma enquanto canal de denúncia do racismo vigente no Brasil e promoção da educação e politização da população afro-brasileira. Destacamos preponderantemente seu papel na ressignificação da imagem da mulher negra, isenta de estereótipos negativos e desvinculada da sexualização.

Palavras-chave: Casa de Cultura da Mulher Negra de Santos. Revista *Eparrei*. Relações Raciais.

Abstract

From a historical perspective, this article aims to give visibility to the work undertaken by the women of the House of Culture of Black Women of Santos, who through *Eparrei Magazine*, contributing significantly to building a more just and equitable with respect race relations. By analyzing the pages of the publication, we realize the importance of the same channel while denouncing racism law in Brazil and promotion of education and politicization of african-Brazilian population. Featuring mainly his role in reframing the image of black women, free from negative stereotypes and sexualization of unlinked.

Keywords: Culture House of Black Women of Santos. *Eparrei Magazine*. Race Relations.

Introdução

As mulheres negras em seu processo político entenderam que não nasceram para perpetuar a imagem da “mãe-preta”, fizeram desaforos. Entenderam que desigualdades são construídas historicamente, a partir de diferentes padrões de hierarquização constituídos pelas relações de gênero e raça, que, mediadas pelas classes sociais, produzem profundas exclusões.²

¹ As epígrafes deste artigo foram retiradas dos editoriais da Revista *Eparrei*, assinados por Alzira Rufino.

* Especialista em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC-Minas. Bolsista de Apoio Técnico do CNPQ no Projeto Mulher e e Escritura: Produção letrada e emancipação feminina no Brasil. Professora de História dos ensinos fundamental e médio da Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais. E-mail: luanatolentino@gmail.com.br. Texto recebido em 30/06/2011. Texto aprovado em 20/03/2012.

² RIBEIRO, Matilde. Mulheres negras: uma trajetória de criatividade, organização e determinação. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis: EDUSC, v. 16, n. 3, p. 987-1004. Florianópolis, set./dez., 2008.

Nos últimos anos percebemos um aumento substancial no número de trabalhos acadêmicos imbuídos em (re)escrever a história da população negra no país. Enquanto processo histórico, entendemos que essa nova fase da historiografia nacional não ocorreu de forma ingênua ou casual. Atribuímos preponderantemente esse interesse da Academia pelos ex-escravizados e seus descendentes ao Movimento Negro³, que através de suas lutas e reivindicações exigiram o registro da trajetória deste contingente populacional como sujeitos histórico-sociais, vivos e participativos na construção da sociedade brasileira. Contudo, as ações do Movimento Negro não foram suficientes para que estas histórias deixassem de ser escritas no masculino⁴.

Chegamos a essa conclusão ao fazermos o levantamento bibliográfico para a elaboração deste artigo e nos depararmos com a escassez de estudos dedicados ao binômio gênero e raça, eixo condutor do trabalho. Em se tratando da literatura com recorte de gênero, é sabido que a Academia privilegiou o estrato de origem branco-européia. Os estudos encontrados sobre a mulher negra, dedicam-se em quase sua totalidade aos períodos colonial e imperial⁵. Conforme Rodrigues⁶, somente entre os anos de 1975 a 1985, na chamada década da mulher, surgem os primeiros trabalhos acadêmicos cuja temática expõe as especificidades das afro-brasileiras, tendo como autoras as próprias militantes negras⁷. Destacamos nesse período a obra de autoria de Sueli Carneiro e Thereza Santos - “*Mulher Negra*”, um documento histórico chamando a atenção para a situação de pobreza na qual estavam imersas as mulheres negras, e a forma nociva como o racismo, o sexismo e a discriminação insidiam sobre estas mulheres, além dos vários artigos publicados pela militante mineira Lélia Gonzalez. Duas décadas depois, em 2007, chega às livrarias “*Mulheres Negras do Brasil*”, de Schuma Schumacher e Vital Brazil considerado um dos estudos mais completos

³ NASCIMENTO, Elisa Larkin. *O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil*. São Paulo: Summus, 2003.

⁴ SCOTT, Joan. História das Mulheres In: Burke, Peter (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992. p. 63-95.

⁵ Sobre a mulher negra nos períodos colonial e imperial ver: GIACOMINI, Sonia Maria. *Mulher e escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, 1988; FIGUEIREDO, Luciano. *O avesso da memória: cotidiano de trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII*. Prefácio de Laura de Mello e Souza. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

⁶ RODRIGUES, Cristiano Santos. *As fronteiras entre raça e gênero na cena pública brasileira: um estudo da construção da identidade coletiva do movimento de mulheres negras*. Belo Horizonte, 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas Universidade Federal de Minas Gerais.

⁷ *Ibidem*, p. 71

publicados até hoje sobre as afro-descendentes. O número reduzido de obras dedicadas ao estudo da trajetória da mulher negra no Brasil denuncia que os desafios, lutas e conquistas da mulher negra posteriores ao treze de maio de 1888 foram silenciados e/ou negligenciados, corroborando com a assertiva de Sueli Carneiro ao citar GILLIAN: “o papel da mulher negra na formação da cultura nacional é rejeitado”⁸. Sendo assim, a escassez de fontes relativas ao tema, associada à urgência do registro da história das afro-brasileira no pós-abolição fazem deste trabalho motivador e um tanto complexo. Portanto:

reivindicar a importância das mulheres [negras] na história significa necessariamente ir contra as definições de história e seus agentes já estabelecidos como “verdadeiros”, ou pelo menos, como reflexões acuradas sobre o que aconteceu (ou teve importância) no passado. E isso é lutar contra padrões consolidados por comparações nunca estabelecidas, por pontos de vista jamais expressos como tais.⁹

Neste trabalho tentamos dar visibilidade ao trabalho realizado pelas mulheres da Casa de Cultura da Mulher Negra de Santos/SP, que através da revista *Eparrei*, tem contribuído para a superação do racismo no Brasil e para o empoderamento da população negra. Ao abrir espaço de forma pioneira às mulheres negras, a revista possibilita a construção de novos significados à história das afro-brasileiras e consequentemente interfere de forma decisiva na forma como estas são representadas, eximindo-as de preconceitos e estigmas nos quais vem sendo associadas ao longo dos anos.

“Resistindo, organizando, exigindo”

Mesmo com o advento da abolição da escravatura em 1888, conseguinte à Proclamação da República, as estruturas sócio-econômicas no Brasil seguiam praticamente inalteradas. Embora “livres”, “homens e mulheres de cor” permaneciam em “cativeiro”, num estado permanente de marginalização, miséria e abandono. A falta de perspectivas quanto a uma participação democrática e cidadã na sociedade brasileira propiciou o surgimento de Grêmios e Associações Recreativas, que objetivavam, sobretudo, agregar a população negra, assistindo-a com lazer e cultura. A Sociedade

⁸ CARNEIRO, Sueli. Gênero e raça. In: Bruschini, Cristina & Unbehaum Sandra G. (Org.). *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: FCC: Ed. 34, 2002.

⁹ SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: Burke, Peter (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992. p. 63-95.

Progresso da Raça Africana (1899), o Club Treze de Maio (1902), o Centro Cultural Henrique Dias (1908), a Sociedade União Cívica dos Homens de Cor (1915) e o Centro Cívico Cruz e Souza (1918), foram algumas agremiações surgidas à época. No cerne desses grupos surgiram jornais como *A Pátria* (1899), *O Combate* (1912), *O Menelick* (1912), *O Clarim da Alvorada* (1923) e *A Voz da Raça* (1933), expoentes da chamada imprensa negra, onde os problemas específicos de negros e negras, como a discriminação racial, educação, trabalho, moradia e saúde, eram abordados. De acordo com Fernandes:

A “imprensa negra” aparece, assim, vinculada a fins de proselitismo, como uma imprensa engajada na solução de problemas específicos do negro brasileiro. Ela teve, por isso, uma função socializadora e de controle altamente construtiva. Condensou e difundiu avaliações inconformistas sobre a realidade racial brasileira; contribuiu para transpor o consenso mecânico, fundado na identidade das frustrações, numa solidariedade consciente e orgânica; e, por fim, suscitou no seio da “população de cor” disposições assimilacionistas com a situação do negro e do mulato.¹⁰

A partir de 1940 até os anos finais da década de 1960 com a forte repressão imposta pelos governos ditatoriais que se sucederam no poder, é notório o enfraquecimento da imprensa negra, haja vista as dificuldades de mobilização da população. Apesar das grandes dificuldades, nesse período ainda surgiram alguns jornais, no qual destacamos o *Quilombo* (1944), veículo de comunicação do Teatro Experimental Negro¹¹, fundado por Abdias do Nascimento. *Alvorada* (1945), *O Novo Horizonte* (1946), *Niger* (1950), *Notícias do Ébano* (1957), *O Mutirão* (1958) e a *Voz da Negritude* (1952), foram alguns dos jornais editados à época. Somente em meados dos anos de 1970, quando eram eminentes os sinais de redemocratização do país e o Movimento Negro conseguiu retomar atividades, a produção de jornais ganhou força depois de alguns anos de silêncio. Foram criados as revistas *Ébano* (1980), *Classe & Raça* e o *Jornal do MNU*¹², ambos editados pelo jornalista Edson Cardoso. Além do *Pixaim* (1979), *Nego* (1981) e *Áfricus* em 1982.

¹⁰ FERNANDES, Florestan. *A Integração do negro na sociedade de classes*. 2 v. São Paulo: Dominus: EDUSP, 1965. p. 22.

¹¹ Sobre o Teatro Experimental Negro ver: MARTINS, Leda Maria. *Cena em sombras*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

¹² Sobre o *Jornal do MNU* ver: SOUZA, Florentina da Silva. Afro-descendência em *Cadernos Negros e Jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

Ainda que tivessem vida curta ou sobrevivessem precariamente, estes jornais cumpriram em parte sua missão de aglutinar, denunciar o racismo, educar e promover o exercício da cidadania a população negra, conforme Ferrara, citando Bastide:

Esses jornais procuravam primeiramente agrupar os homens de cor, dar-lhes o senso de solidariedade, encaminhá-los, educá-los a lutar contra o complexo de inferioridade superestimando os valores negros. E pois, um órgão de educação. E um órgão de protesto.¹³

Contudo, foi no fim dos anos de 1990, que surge uma das publicações mais comentadas nos últimos tempos - a revista *Raça Brasil*. Com o slogan “*A revista do negro brasileiro*”, *Raça* mexeu com o mercado editorial ao ser lançada em 1996. A tiragem de 265 mil exemplares esgotou-se rapidamente, número expressivo para uma produção segmentada racialmente¹⁴. Nesse mesmo período surgiram *Agito Geral* e o *Jornal Irohín*, com distribuição gratuita para todo país, ambos em 1997. Em 1998 foi a vez da revista *Negro 100 Por Cento. Conexão Negra*, publicação do Centro Ecumênico de Cultura Negra de Porto Alegre começa a circular em 2003.

O breve histórico da imprensa negra no Brasil, faz-se necessário pelo fato de *Eparrei*, nossa focalizada, ao ser publicada pela primeira vez no segundo semestre de 2001, somar-se aos tantos títulos por nós mencionados. Sobre *Eparrei* falaremos mais adiante.

“Só quem sente, sabe”

Sou negra ponto final

Devolvo-me a identidade

Rasgo a minha certidão

Sou negra sem reticências

Sem vírgulas, sem ausências

¹³ FERRARA, Miriam Nicolau. *A imprensa negra paulista (1915-1963)*. São Paulo, FFLCH, USP, 1986. p. 50

¹⁴ Desde seu lançamento em 1996, *Raça Brasil* vem sendo estudada na Universidade. Assinalamos alguns trabalhos encontrados durante a elaboração deste artigo: SANTOS, João Batista Nascimento dos. *O negro representado na Revista Raça Brasil: a estratégia de identidade da mídia étnica*. Porto Alegre, 2004. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; PINHEIRO, Viviane Seabra. *Analisando significados de capas da revista Raça Brasil: um estudo de caso à luz da semiótica social*. Belo Horizonte, 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais; NICOLINI, Veridiana Kunzler. *Revista Raça Brasil: negro em movimento – 1996-2004*. São Paulo, 2007. Dissertação Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Sou negra balacobaco

Sou negra

Noite

Cansaço

Sou negra

*Ponto final*¹⁵

Na discussão que se segue falaremos de *Eparrei*, mas não sem antes falarmos da trajetória de Alzira Rufino, editora-chefe da revista e fundadora da Casa de Cultura da Mulher Negra de Santos. Sem dúvida alguma, um dos nomes mais importantes do feminismo negro no Brasil.

Proveniente de família humilde, Alzira Rufino nasceu em Santos/SP no ano de 1949. Enfermeira por formação, ao longo de mais de quatro décadas participa ativamente dos Movimentos Negro e de Mulheres. A atuação destacada na luta contra o racismo no Brasil rendeu-lhe reconhecimento não só em terras brasileiras, mas também no exterior. Em 1991 foi homenageada pelo Conselho Nacional da Mulher Brasileira como “Mulher do Ano”. No ano seguinte recebeu o título de “Cidadã Emérita”, concedido pela Câmara Municipal de Santos, tornando-se a primeira mulher negra a receber essa homenagem. Rufino levou suas experiências à Rede Feminista Latino Americana e do Caribe contra a violência doméstica, onde trabalhou como executiva, além de atuar como consultora em vários projetos na área da saúde e promoção da mulher em países como África do Sul, Holanda, França, México, Peru, Equador, Chile, Estados Unidos e Inglaterra. Em 2005, Alzira foi indicada ao Prêmio “Mil Mulheres para o Nobel da paz”.

A militância de Alzira Rufino não se dá somente na área dos direitos humanos. Alzira é escritora e poeta. Dona de uma intensa produção literária e ensaística - publicou “*Mulher negra tem história*” e “*Mulher negra, uma perspectiva histórica*” em 1987, “*Eu, mulher negra, resisto*” em 1988, “*Muriquinho piquininho*”- destinado a crianças em 1989, “*O poder muda de mãos, não de cor*” em 1996, “*Qual o quê*” em 2004 e organizou o livro “*Violência contra mulher, uma questão de saúde pública*” em 1998. Zélia Maria Vaz pontua a obra literária de Alzira Rufino da seguinte forma:

¹⁵ “Resgate”, in: *Eu, mulher negra, resisto*. Edições da autora, 1988.

A legitimação de um papel mais representativo para mulher negra na sociedade brasileira, bem como sua valorização, são fatores primordiais na obra de Alzira Rufino. Num país fortemente marcado pelo patriarcalismo e pelo preconceito da cor, a escritora reconhece ser ínfimo o espaço social atribuído à figura feminina pertencente ao seu grupo étnico. A partir do discurso da autora, em alguns de seus livros, notamos que para ela uma das maneiras de superar este obstáculo é estimular a conscientização destas mulheres, de forma que elas não se sujeitem aos estereótipos e preconceitos que as condenam à exclusão.¹⁶

A gestação da Casa de Cultura da Mulher Negra de Santos se deu num momento de efervescência das organizações civis em defesa das minorias na década de 1980. As mulheres negras encontravam-se em uma encruzilhada. Se por um lado as implicações das reminiscências do período escravocrata na vida das mulheres negras ganhavam pouco espaço no movimento feminista, por outro o pensamento machista e patriarcal do Movimento Negro impedia a inclusão do fator gênero no projeto político da organização. A solução encontrada para esse impasse foi o “*enegrecimento do feminismo*”.

Alzira Rufino e suas companheiras fundaram o Coletivo de Mulheres Negras em março de 1985¹⁷. O desafio do grupo era propor alternativas à posição de subalternidade na qual estavam inseridas as mulheres negras. Exigia-se um posicionamento por parte do governo quanto a falta de oportunidades na educação e no mercado de trabalho. Propunham-se também medidas que combatessem todas as formas de violência e opressão sofridas pelas afro-descendentes. Conforme Vera Soares:

É neste contexto de denúncia das desigualdades sociais sob uma perspectiva de raça que as mulheres negras irão se organizar. Isto quer dizer que, a princípio, irão se organizar. Isto quer dizer que irão se organizar não como movimento autônomo de mulheres negras, mas como integrantes do movimento de mulheres e homens negros, constituindo em algumas situações, núcleos de mulheres. Foi necessário algum tempo, o final dos anos 80 para que as mulheres negras viessem a construir nacionalmente o seu movimento autônomo. É certo que enfrentaram também a acusação de estarem rompendo com o movimento negro (...). Os movimentos de mulheres negras vão mostrar a inserção específica das negras no mercado de trabalho, em geral, no setor de serviços, vão denunciar que as mulheres negras formam a maior parte da população analfabeta do país, que a educação formal

¹⁶ VAZ, Zélia Maria Neves. *Consciência feminina, étnica e cultural na obra de Alzira Rufino*. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/alzirasantos/alziracritica01.pdf> Acesso: 29 mar. 2010.

¹⁷ No mesmo período foram fundados o Grupo Luiza Mahin e o Grupo de Mulheres Negras no Rio de Janeiro em 1980, o Coletivo de Mulheres Negras de São Paulo em 1983, o Centro de Mulheres de Favela e Periferia do Rio de Janeiro e o Coletivo de Mulheres Negras de Minas Gerais, ambos em 1986, o Maria Mulher – Organização de Mulheres Negras do Rio Grande do Sul em 1987, e o Geledés – Instituto da Mulher Negra de São Paulo, em 1988. Na década de 1990 foram fundadas o Criola, em 1992, Fala Preta, em 1995 e o Instituto de Mulheres Negras do Amapá, em 1999.

apresenta imagens estereotipadas e parciais do período da escravidão e que as mulheres negras são excluídas das formas de organização política.¹⁸

Os desejos do Coletivo iam além. Fazia-se necessário a criação de uma sede para abrigar as atividades oferecidas pelo grupo. Cinco anos depois da fundação do Coletivo, em 2 de janeiro de 1990¹⁹, é inaugurada a Casa de Cultura da Mulher Negra de Santos. A Casa, mantida com recursos próprios e apoio de instituições estrangeiras, oferece desde a sua criação cursos de capacitação de professores para a educação anti-racista e de capacitação profissional. O curso de trancheiras, entre os anos de 1998 a 2006 formou cerca de 2.890 jovens. Dentro do projeto de geração de renda, a instituição disponibiliza oficinas de roupas e adereços étnicos. O Centro de Documentação Carolina de Jesus proporciona suporte a estudantes, educadores e pesquisadores através do vasto material didático sobre as questões raciais. A Casa oferece também 12 bolsas de estudos a jovens universitárias e atendimento psicológico e jurídico a mulheres vítimas da violência doméstica. Por ano são atendidas cerca de 400 mulheres.²⁰ Aos sábados é promovida uma feijoada no restaurante de culinária afro-brasileira da instituição, fonte de renda da Casa de Cultura. Outra fonte de renda é *Eparrei*, sendo a Casa de Cultura da Mulher Negra de Santos a única organização feminista negra a publicar semestralmente uma revista e a comercializar através de vendas avulsas e assinaturas. A CCMN possui ainda uma pequena livraria especializada em material étnico-racial.

“Comunicar e politizar”

Senhora, tenha misericórdia de nós! Esse é o significado da palavra *Eparrei*, saudação ao orixá africano Iansã. Após uma experiência bem sucedida do *Jornal Eparrei*, o Núcleo de Educação e Comunicação da Casa de Cultura da Mulher Negra, cria no segundo semestre de 2001 a revista *Eparrei*. Neste trabalho analisamos as edições números dois a seis.

¹⁸ SOARES, Vera. O verso e o reverso da construção da cidadania feminina branca e negra no Brasil. In: GUIMARÃES, Antonio Sérgio & Huntley, Lynn (Org.). *Tirando a máscara: Ensaio sobre o racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 270.

¹⁹ A data 30/06/1990 refere-se ao registro da Casa de Cultura da Mulher Negra enquanto pessoa jurídica.

²⁰ Os Departamentos Jurídico e Psicológico não fazem distinção de cor no atendimento à vítimas de violência doméstica, racial e sexual.

Com uma tiragem de 2.500 exemplares, a publicação impressiona pela qualidade dos textos, diagramação e projeto gráfico. Em média, as edições trazem cerca de 60 páginas, com assuntos recorrentes à população negra como ações afirmativas, religiões de matriz africana, culinária, cursos, eventos, seminários, poesia, história, arte e cultura. Para Alzira Rufino “*Comunicar é politizar*”, sendo assim espera-se que através do conteúdo veiculado pela revista a população negra tome consciência dos seus direitos e se mobilize em busca de uma participação digna e cidadã na sociedade.

Se identidade “é sempre um processo e nunca um produto acabado”, há uma busca pela construção de identidades raciais positivas, onde o sentimento de negritude negados e ofuscados pelas imposições das classes dominantes de origem branco-européia, sejam recuperados. Esse objetivo é empreendido através do resgate do passado histórico da população negra, colocando em primeiro plano heróis e heroínas negros que na maioria das vezes não são mencionados pela historiografia. Denúncias de racismo e discriminação revelam quão vivo é o passado escravocrata, e que as lutas empreendidas pela população diaspórica culminaram entre outras conquistas com políticas de ações afirmativas.

O editorial da edição número 2, do ano de 2002 exemplifica os objetivos da revista:

O povo negro precisa estar no mesmo trem. Ser informado e convidado a participar. E mais uma vez falamos de comunicação e informação. Ouvimos as lendas de nossos antepassados/as de espalhar as folhas, compartilhar informação. Aprendendo e fazendo. Não estamos no caminho do coelho, nem da tartaruga, mas chegaremos, certo?!²¹

Ao longo das edições, reportagens e entrevistas com personagens do mundo negro, bem sucedidas, buscam a valoração de negros e negras, numa tentativa de construir um espelho, no qual seus leitores e leitoras possam se ver refletidos. Valores como educação e persistência são sempre enfatizados:

Minha trajetória é semelhante a da maioria das mulheres negras. Eu sou filha de empregada doméstica e pai marceneiro. Fui criada pela minha mãe, que teve oito filhos. Vivemos em favela durante muito tempo, portanto, toda a nossa vida foi de dificuldade, mas eu sempre fui muito determinada.” Sua mãe, mulher de fibra, sempre lhe dizia que **o único caminho para os negros era o estudo**. Na medida do possível, colaborava para que ela e seus irmãos estudassem. Com 14 anos, fui trabalhar como servente de uma escola

²¹ RUFINO, Alzira. *Eparrei*.

particular. Enquanto seu corpo crescia, sua mente sonhava. **Queria ser alguém. Cursar a Universidade era o caminho.** Depois do segundo grau, prestei vestibular sem ter feito cursinho. Estudava nos módulos que restavam da filha da dona da escola. Passei no vestibular para Pedagogia, da Universidade Federal da Bahia. Foi a maior alegria da minha vida.²²

As crianças também são contempladas nas edições de *Eparrei*. A cada edição um encarte com estórias em quadrinhos sobre lendas orixás africanos é publicado na revista. As ilustrações ficam a cargo do cartunista Pestana.

Nesses nove anos as edições de *Eparrei* são mantidas com os recursos da Casa de Cultura da Mulher Negra, pelos órgãos que apóiam a instituição e através de vendas avulsas e assinaturas. As edições são comercializadas ao preço de R\$ 11,00, acrescidos o preço de postagem. Segundo Alzira Rufino, preocupa o baixo número de assinantes da Revista. “Entristece-me ter que parar a publicação impressa (...). Pena que o movimento negro não fortalece, não entende a proposta de uma Revista produzida com esmero, carinho e responsabilidade. Somos guardiãs de recontar nossa história”.

“Eu tenho orgulho de ser mulher negra”

A inserção das mulheres negras nas páginas de *Eparrei* é um capítulo à parte. O trabalho de Alzira Rufino é pioneiro ao escrever para a imprensa com recorte de gênero e raça. Chama-nos a atenção o fato da revista não se dedicar apenas às mulheres que tem seu nome escrito na história, ou que tem evidência no espaço midiático: “Eparrei abre suas páginas também para as mulheres negras anônimas que fazem uma história sem recibo, sem carimbo, sem memória”.

De acordo com Larkim, “a situação da mulher afro-brasileira é o próprio retrato da feminização da pobreza, observada em todo mundo nas últimas décadas”²³. Ao longo da história a mulher negra teve sua imagem sempre ligada a sexualização e ao exotismo, ou comercializada como produto de exportação de baixo custo. Ao encontramos nas páginas de *Eparrei* entrevistas e reportagens com Ruth de Souza, Margareth Menezes, Alcione, Zezé Motta, Leci Brandão ou Elza Soares, e num mesmo patamar nomes desconhecidos como Maria Nilza, Abiail Ferreira, Andréa Ramos, Mãe Deni, Alaíde do Feijão e as mulheres da Irmandade da Boa Morte, percebemos o trabalho desenvolvido

²² SANTANA, Olívia. *Eparrei*, n. 7, p. 18, Ano III. Grifo nosso).

²³ NASCIMENTO, Elisa Larkin. Op. cit.

pela revista em prol de uma imagem positiva da mulher negra. A intenção de dar novo sentido a identidade feminina negra foi apontada por Sebastião:

A ressignificação nos parece ser o fio condutor que nos permite compreender os processos contemporâneos que criam táticas para interferir nesta representação constituída por estereótipos e estigmas. Neste sentido, nossa hipótese é a de que as organizações de mulheres negras estão ocupando uma nova função: a de novas guardiãs da produção discursiva da memória sobre o grupo na medida em que produzem, registram, difundem, arquivam e lutam pela ressignificação da história da mulher negra e da sua respectiva representação.

Falamos de uma ressignificação que também está sendo construída para superar os traumas sofridos no passado. Imediatamente após o trauma da escravidão, entendemos que as populações negras passaram por novos processos traumáticos, sobretudo do ponto de vista das relações sociais, uma vez que estavam inseridas num contexto onde prevaleciam os ditames biológicos de inferiorização da raça negra.²⁴

O depoimento da atriz Léa Garcia ilustra esse comprometimento de *Eparrei*:

Se eu morresse e tivesse que nascer novamente, queria ser negra de novo. Eu acho que a mulher negra tem uma força muito grande dentro de si. Convivemos com as dificuldades, enfrentando barreiras para cuidar da família, com uma fibra que geralmente poucas mulheres de outras raças possuem.²⁵

A entrevista concedida pela sambista Leci Brandão - evoca o reconhecimento e a exaltação da beleza da mulher negra

Sou baixinha, estou um tanto quanto gordinha, mas me acho maravilhosa. Sabe porque? Porque tenho sentimentos e emoção. Sei amar e dar amor, sou sensível, sei dar carinho.²⁶

“O possível estamos fazendo, o impossível demora um pouco mais”

Acreditamos que a promoção da equidade de gêneros e raças desponta como um dos maiores desafios a serem enfrentados no mundo atual, e que um dos pressupostos para a superação deste desafio se dá através da educação de qualidade e do comprometimento de toda sociedade na formação de uma sociedade que contemple sem discriminação a variedade étnico-racial existente em nosso país.

²⁴ SEBASTIÃO, Ana Angélica. *Memória, imaginário e poder: práticas comunicativas e de ressignificação das organizações de mulheres negras*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007. p. 22-23.

²⁵ *Eparrei*, ano III, n. 7, p. 7, ano III.

²⁶ *Eparrei*, n. 4, p. 45, ano II.

Fruto das lutas iniciadas pelas mulheres negras ainda no período colonial quando resistiram à tentativa de terem seus corpos e sua dignidade violada, ou lutaram pelo direito a família e pela independência financeira e também da imprensa negra que nas primeiras décadas do século passado tiveram papel preponderante na conscientização do negro quanto a sua realidade, *Eparrei* é parte desse processo de busca por uma sociedade em que a pluralidade e a diversidade sejam respeitadas por todos. Apesar do possível estar sendo feito, Alzira Rufino nos lembra que esta luta não pode cessar:

No tempo do Brasil Palmares fugir era voltar à liberdade. Hoje não. O Quilombo hoje é ficar exatamente onde você está: Resistindo, organizando, exigindo. O Quilombo hoje é saber que é chegado o momento de virar a mesa, onde sempre apanha migalhas (...). Negro/a além de lindo é capaz, é competente. Sabemos fazer políticas. Experiência de quilombo, escola de Palmares. Passaremos nosso anel de bamba para a nova geração. Apesar dos ventos e chuvas fortes da discriminação, apesar da fria desigualdade de oportunidades vividas nesses anos, nossa força não pode ser apenas um discurso, temos pouco a comemorar e muito que fazer. Hoje, temos mais necessidade de denunciar essa discriminação velada, essa agressão psicológica do que respirar.²⁷

Ao nosso ver, a desconstrução de ideologias e mitos que imputaram aos descendentes de escravos a condição de seres inferiores sejam uma das maiores dificuldades encontradas nesse percurso. Precisaremos ainda pensar e repensar maneiras para fazer com que iniciativas como a revista *Eparrei* tornem-se mais acessíveis às camadas populares. E por fim, necessitaremos encontrar formas para que as questões aqui apresentadas rompam o espaço acadêmico e se juntem a outros instrumentos que possibilitem a educação, a politização e mobilização da população negra. O desafio está lançado.

Referências:

- CARNEIRO, Sueli. Gênero e raça. In: Bruschini, Cristina & Unbehaum Sandra G. (Org.). *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: FCC: 34, 2002.
- CARNEIRO, Sueli; SANTOS, Thereza. *Mulher negra*. São Paulo: Nobel: Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1985.

²⁷ *Eparrei*, n. 7, p. 43, ano II.

- DOMINGUES, Petrônio José. Frentenegrinas: notas de um capítulo da participação feminina na luta anti-racista no Brasil. *Cadernos Pagu*, Campinas:UNICAMP, p. 346-374. 2007.
- DOMINGUES, Petrônio José. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo. Revista do Departamento de História da UFF*, v. 12, p. 113-136, 2007
- FERRARA, Miriam Nicolau. *A imprensa negra paulista (1915-1963)*. São Paulo, FFLCH, USP, 1986.
- FERNANDES, Florestan. *A Integração do negro na sociedade de classes*. 2 v. São Paulo: Dominus: EDUSP, 1965.
- GIACOMINI, Sonia Maria. *Mulher e escrava*. Uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1988.
- GOMES, Nilma Lino. *A mulher negra que vi de perto: o processo de construção da identidade racial de professoras negras*. Belo Horizonte: Mazza Edições. 1995.
- MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. *O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil*. São Paulo: Summus, 2003.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- RIBEIRO, Matilde. Mulheres negras: uma trajetória de criatividade, organização e determinação. *Revista Estudos Feministas*, n. 3, p. 987-1004. Florianópolis, set/dez, 2008, v.
- RODRIGUES, Cristiano Santos. *As fronteiras entre raça e gênero na cena pública brasileira: um estudo da construção da identidade coletiva do movimento de mulheres negras*. Dissertação de Mestrado. UFMG, 2006.
- SANTOS, Gislene Aparecida. *Mulher negra, homem branco*. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.
- SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: Burke, Peter (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992. p. 63-95.
- SEBASTIÃO, Ana Angélica. *Memória, imaginário e poder: práticas comunicativas e de ressignificação das organizações de mulheres negras*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

SOARES, Vera. O verso e o reverso da construção da cidadania feminina branca e negra no Brasil. In: Guimarães, Antonio Sérgio & Huntley, Lynn (Org.). *Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 257-282.

SOUSA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

VAZ, Zélia Maria Neves. *Consciência feminina, étnica e cultural na obra de Alzira Rufino*. Disponível em:

<http://www.lettas.ufmg.br/literafro/autores/alzirasantos/alziracritica01.pdf> Acesso: 29 mar. 2010.